

SISTEMA ENUNCIATIVO: TEMPOS VERBAIS E SEUS EFEITOS DE SENTIDO

Vera Lúcia Massoni Xavier da Silva
vera@fafica.br
IMES-Catanduva

Resumo

No presente artigo, apresentamos um estudo da organização temporal, retomando os pressupostos teóricos desenvolvidos por Fiorin (1994). Para ele há duas singularidades concernentes ao tempo linguístico: seu eixo ordenador e gerador é o ME (momento da enunciação); está relacionado à ordenação dos estados e transformações narrados no texto, o que implica um sistema ordenado a partir de marcos temporais instaurados no texto. Para o autor citado há dois sistemas temporais: o **enunciativo**, cujos acontecimentos estão relacionados diretamente ao ME, e o **enuncivo**, que ordena os acontecimentos em função de momentos de referência, explicitados no enunciado. Daremos ênfase ao estudo dos sistemas enunciativo, focando o presente, perfeito 1 e futuro e seus efeitos de sentido no texto.

Palavras-Chave: Sistema Enunciativo e Enuncivo, Tempos Verbais

Abstract: In this article we present a study about temporal organization, in which we resume to the theoretical presuppositions developed by Fiorin (1994). For him there are two particularities regarding linguistic time: Its ordering and generator axis is the EM (Enunciation moment)); which is related to the state of ordering and transformation narrated in the text. For the abovementioned author there are two temporal systems: The enunciative whose events are directly related to the EM, and the enuncive which orders the events in accordance with the reference moments, explicit in the enunciation. We will emphasize the study of enunciation system, focusing on the present, perfect 1 and future and their effects of meaning in the text.

Key Words: Enunciative, Enuncive, Verb Tenses

INTRODUÇÃO

A temporalidade linguística diz respeito também às relações de sucessividade entre estados e transformações representados no texto, mostrando quais são anteriores e posteriores a partir de marcos temporais instaurados no enunciado. Nesse sentido, Fiorin (1994:162) afirma que há duas singularidades concernentes ao tempo linguístico: seu eixo ordenador e gerador é o ME (momento da enunciação); está relacionado à ordenação dos estados e transformações narrados no texto, o que implica um sistema ordenado a partir de marcos temporais instaurados no texto.

A partir dessas duas singularidades, Fiorin estabelece dois sistemas temporais: o **enunciativo**, cujos acontecimentos estão relacionados diretamente ao ME, e o **enuncivo**, que ordena os acontecimentos em função de momentos de referência, explicitados no enunciado.

Fiorin considera que ME é o eixo gerador e axial da temporalidade, mas, como esta se refere também a estados e transformações enunciados no texto, há a necessidade de aplicação das categorias topológicas de **concomitância X não-concomitância** ao ME, para obtermos três momentos de referência: MR Presente, MR Pretérito e MR Futuro.

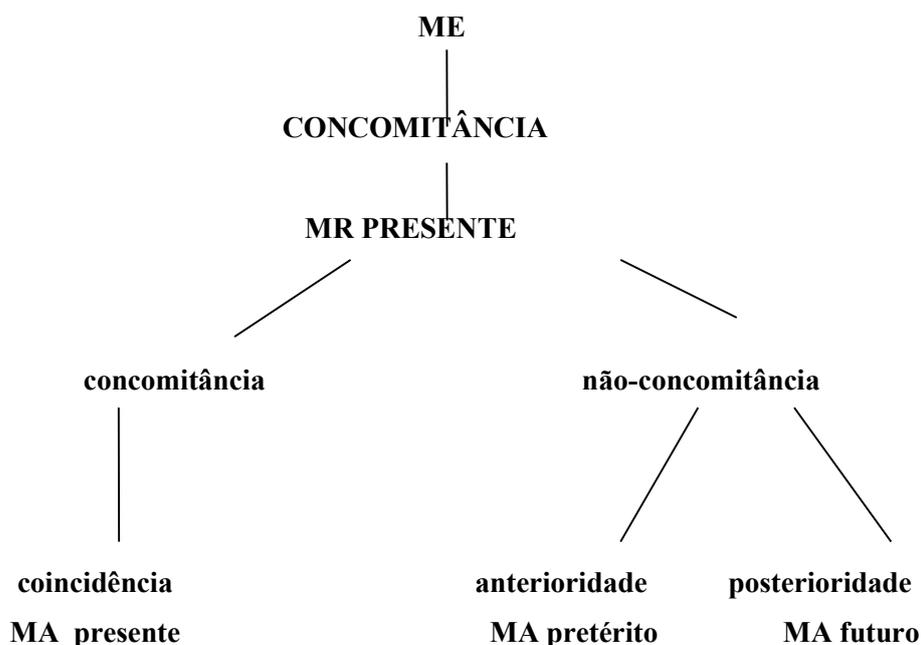
O MR presente é concomitante ao ME, sempre pressuposto e só explicitado em casos especiais, isto é, quando a recepção não é simultânea à produção, como uma carta, por exemplo. Diferentemente, os MRs Pretérito e Futuro são não-concomitantes ao ME e, por isso, necessitam de explicitação no texto, por meio de expressões adverbiais como, por exemplo, **em 1500, no ano 2000**, que nos remetem ao passado ou ao futuro, respectivamente.

O MR Presente, concomitante ao ME, caracteriza o emprego do **sistema enunciativo**, enquanto o MR Pretérito e o MR Futuro evidenciam o **sistema enuncivo**, pois os acontecimentos, estados e transformações são ordenados a partir de marcos temporais. Dessa maneira, o sistema enuncivo subdivide-se em: subsistema do pretérito e subsistema do futuro.

Além do ME e do MR, devemos considerar também o momento do acontecimento (MA) para a constituição do sistema temporal.

Segundo Fiorin (1994), aplicando-se aos MRs as categorias topológicas de **concomitância** e **não-concomitância**, obtemos MAs concomitantes (presente), anteriores (pretérito) e posteriores (futuros).

Em relação ao MR presente, pode haver uma coincidência, anterioridade e posterioridade do acontecimento, o que nos permite falar em MA presente = concomitância; MA pretérito = anterioridade; MA futuro = posterioridade. Esquematizando,



Quando o MR é presente, não necessitamos de expressões temporais, pois a atualidade do acontecimento é dada a partir do ME. Examinemos os exemplos abaixo:

Todo ovo que eu choco

Me toco de novo

(A galinha, Chico Buarque)

O ME **eu afirmo que** está pressuposto; o MR **agora** é presente; os acontecimentos **choco e toco** são concomitantes ao MR e ao ME, portanto, MA presente.

Eu não quero que você faça o que você fez ontem.

O ME está pressuposto; o MR é presente como também o é o acontecimento **quero**; porém, constata-se outro acontecimento caracterizado por um pretérito **fez**, que nos indica uma anterioridade do acontecimento em relação ao MR presente. Trata-se, dessa maneira, de um MA pretérito.

Hoje estudo, amanhã descansarei.

Neste enunciado, observa-se o ME pressuposto; o MR presente **hoje**; o MA **estudo** também presente, portanto, concomitante a ele. Porém, o narrador se projeta para o futuro, estabelece uma posterioridade em relação ao presente, o que nos remete ao MA futuro **descansarei**.

O MR pretérito e o MR futuro necessitam de marcos temporais explicitados no texto. Esses MRs ordenam MAs concomitantes, anteriores e posteriores a eles, como podemos observar abaixo.

Pelo exposto até aqui, observamos a partir do MR presente, concomitante ao ME, um MA presente, um MA pretérito e um MA futuro, evidenciando o **sistema enunciativo**.

Sistema Enunciativo e os tempos verbais

Os tempos verbais do sistema enunciativo expressam uma concomitância e uma não-concomitância do acontecimento em relação a um MR presente. Assim, são tempos enunciativos o presente (concomitância), o pretérito 1 (anterioridade) e o futuro do presente (posterioridade), que serão abordados em seguida.

O Presente

O tempo presente indica uma concomitância entre o ME, MR e o MA. Cabe ressaltar que essa concomitância nem sempre é total, pois o MR pode variar quanto à extensão temporal.

Fiorin (1994:167), considerando as relações entre o MR e o ME, estabelece os seguintes tipos de presente: **presente pontual**: quando existe coincidência entre o MR e ME, como, por exemplo, **eu estudo agora**; **presente durativo**: quando o MR é mais longo que o ME. Nesse caso, a duração pode ser contínua, **durante o passeio, faço as recomendações necessárias** (presente de continuidade) e descontínua, **toda vez que ele me encontra, fala a mesma coisa** (presente iterativo); **presente omnitemporal**: quando o MR é ilimitado, **Deus ajuda quem cedo madruga**.

Segundo Charaudeau (1992:452), para expressar a concomitância entre o MR e ME, observa-se um presente atual e um presente genérico.

O **presente atual** indica que o processo se realiza necessariamente no momento em que o locutor fala. Assim, há uma tripla coincidência entre o ME, MR e MA, conforme observamos no exemplo abaixo.

Anoitece. Fico olhando as luzes de Port Spain...A lua cor de melão surge por trás da montanha como no mais vulgar dos cartões postais. Vem da terra um bafo quente e perfumado.

(Gato Preto em Campo de Neve, Érico Veríssimo).

Todos os verbos deste fragmento, **anoitece, fico olhando, surge, vem**, encontram-se no presente e expressam uma coincidência do processo em relação ao momento de referência presente, sendo este concomitante ao ME. Trata-se da projeção dos tempos da enunciação no enunciado, configurando acontecimentos pontuais ao MR e ME.

O texto abaixo serve para ilustrar a tripla coincidência a que nos referimos acima.

TRAGÉDIA NO MAR

*'Stamos em pleno mar...donde no espaço
Brinca o luar - dourada borboleta-
E as vagas após ele correm...causam
Como turba de infantes inquieta.*

*'Stamos em pleno mar...do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias
– Constelações do líquido tesouro...*

*'Stamos em pleno mar... Dous infinitos
Ali s' estreitam num abraço insano...
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...*

(Tragédia no mar, Castro Alves)

A partir do MR presente **nesse instante**, explicitado linguisticamente por **'Stamos em pleno mar** o narrador apresenta uma série de acontecimentos pontuais, evidenciando o presente atual, em que se constata uma tripla coincidência entre o ME, MR e MA.

O presente genérico assinala que o MR, embora concomitante ao ME, contém em si uma extensão temporal contínua, descontínua ou ilimitada.

Optamos por considerar os dois tipos de presente estabelecidos por Charaudeau (1992), porém, no que diz respeito ao presente genérico, subdividimo-lo em presente extensional, reiterativo e omnitemporal.

Não adotamos a classificação dada por Fiorin, por entendermos que ela pode provocar equívocos, pois há, nos estudos linguísticos, essa mesma terminologia referente ao aspecto verbal: pontual, durativo e iterativo. Ressaltamos que o aspecto refere-se à duração do processo e não da referência temporal, tomada como base para a classificação dos tipos de presente. Assim, um presente atual pode apresentar uma duração contínua do processo.

O presente extensional ocorre quando o MR é mais longo que o ME, sendo assinalado por expressões linguísticas como **durante o ano, no mês de maio, nesse ano**. Os acontecimentos introduzidos por essas expressões são contínuos, isto é, abarcam toda a extensão da referência temporal.

Diferentemente, o presente reiterativo é caracterizado por expressões linguísticas do tipo **todos os dias, várias vezes** que introduzem acontecimentos que se repetem, porém, de modo descontínuo.

Os exemplos abaixo ilustram o emprego do presente extensional e reiterativo.

*Neste mês de janeiro, reforça-se um estranho orgulho nacional: o ócio.
Cria-se uma espécie de feriadão, batizando janeiro como o mês da moleza.*

(Revista Visão, 17/1/1983)

O MR **neste mês de janeiro** é presente, porém, é mais longo que o ME. Os acontecimentos **reforça, cria, batizando** são concomitantes ao MR e evidenciam uma duração contínua, pois se dão durante todo o mês.

*Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã.*

(Cotidiano, Chico Buarque)

Nesse enunciado, embora o ME seja um só, o MR **todo dia** se repete, introduzindo acontecimentos, **faz, sacode, sorri, beija**, que também se repetem, caracterizando, portanto, uma duração descontínua. Daí ser denominado presente reiterativo.

O **presente omnitemporal** é assinalado por um MR e um MA ilimitados. Trata-se de acontecimentos que se repetem ao infinito e evidenciam verdades que se quer tornar eternas, atemporais, mas que se dão, em algum momento, no ME. Este tipo de presente encontra-se em:

– **Provérbios e máximas**

Quem tudo quer nada tem

– **Definições**

A Terra gira ao redor do Sol.

– **Descrições de estados imutáveis das coisas**

São Paulo localiza-se na região sudeste.

– **Fatos de experiência**

Não há vida sem morte como não há morte sem vida.

(Paulo Freire)

– **Hábitos e repetições**

Ele não bebe e não fuma, eu bebo e fumo.

– **Descrições dos seres**

Cacareco tem uma cara de velho muito feia. Até parece um monstro pré-histórico, tem dois chifres, feitos de pêlos colados bem juntinhos, com os quais defende seu território. Suas orelhas percebem todos os sons, seu narigão sente todos os cheiros. Mas os olhos, pequeninos, enxergam muito mal.

(O Rinoceronte, Frans Hoop)

Como o presente omnitemporal expressa acontecimentos que o locutor pretende que sejam tomados como verdadeiros, em qualquer tempo, o MR é a expressão linguística **sempre**.

O tempo presente expressa uma **embreagem enunciativa** e seu valor virtual é o de indicar uma concomitância do ME, do MR e do MA, embora, como pudemos observar, a coincidência do MR e do ME nem sempre é plena, pois pode ocorrer um MR mais longo (extensional e reiterativo) ou até mesmo ilimitado (omnitemporal). Existe, porém, um mecanismo de neutralização que consiste, segundo Greimas e Courtès, “no retorno à instância da enunciação, produzido pela suspensão da oposição entre certos termos” (p:140). Trata-se da embreagem.

Segundo Fiorin (1994:221) a embreagem pode se dar dentro de um mesmo sistema, (quando se emprega a categoria topológica da concomitância pela posterioridade, por exemplo); entre sistemas diferentes, (quando se emprega o presente pelo perfeito 2) e, ainda, quando se neutralizam a concomitância durativa, expressa pelo imperfeito, e a anterioridade do perfeito 1. A embreagem, portanto, é um recurso discursivo que permite efeitos de sentido diversos¹.

O tempo presente, por exemplo, pode ser usado em situações comunicativas em que não se verifica o valor virtual de concomitância entre ME, MR e MA, acarretando assim vários efeitos de sentido.

Por ter um valor de realidade e verdade, o presente é usado em substituição a outras situações temporais (Charaudeau, 1992:464), como a posterioridade, por exemplo, o que acarreta um efeito de certeza de realização do acontecimento, assinalando um futuro iminente. Neste caso, é o futuro que é tornado presente.

Faça o trabalho agora, José.

Faço.

¹ Corôa, ao referir-se ao presente adota a fórmula MF, ME, MR, em que as vírgulas indicam simultaneidade. Entretanto essa mesma representação é dada ao exemplo **em 1940, eclode a guerra e Ted vai para o fronte**, do que discordamos, pois **em 1940** é um marco temporal de passado, portanto, o MR é pretérito. Concomitantes a esse MR há os MAs **eclode** e **vai**, que, embora manifestados no enunciado pela forma linguística de presente, indicam um processo passado. Dessa maneira, o efeito de sentido é o de presente, porém o fato é passado, revelando o emprego da embreagem, fato não abordado em sua obra. (Corôa: 1985:46-7).

Pode substituir uma ordem numa frase declarativa e serve, neste sentido, para atenuar a força do enunciado, tornando-o menos agressivo.

Agora você estuda bastante e depois brinca.

O MR **agora** é presente e, concomitante a ele, observa-se o acontecimento **brinca**; entretanto, há, nesse exemplo, uma posterioridade de um outro acontecimento, explicitada no elemento linguístico **depois**, cuja forma verbal apropriada seria o futuro do presente. O uso do tempo presente realiza uma neutralização das categorias topológicas de concomitância e posterioridade, além da neutralização dos modos imperativo e indicativo.

É comum o presente referir-se a uma realização no futuro. Então, o narrador transporta-se para o futuro e dá ao acontecimento um valor de verdade e de realização.

Grêmio e Independente da Argentina, decidem à 1h de amanhã a Recopa sul-americana em Kobe (Japão). (Folha, 06/04/96)

O MR é presente, porém o acontecimento **decidir** é posterior a ele, neutralizando, dessa maneira, as categorias de concomitância e posterioridade, cujo efeito de sentido é o de indicar a certeza de realização do fato.

Outro caso de embreagem diz respeito ao emprego do presente para indicar contextos que exprimem hipótese. Nesse caso, o processo é imaginado em apenas certas condições, num momento também imaginado, evidenciando, dessa maneira, uma posterioridade real do acontecimento.

E se você chega lá e ele não te paga?.

Quando o presente é empregado em lugar de uma realização passada, temos dois efeitos de sentido:

A: o acontecimento passado tem um efeito objetivo ou subjetivo no presente do sujeito da enunciação.

Para os católicos, se não é Cristo morrer na cruz, o homem ainda hoje vive em pecado.

É, justamente, um fato do passado **Cristo morrer na cruz** que faz com que o narrador o use como recurso argumentativo da verdade que quer transmitir.

B- os acontecimentos passados podem ser contados no presente, para produzir maior proximidade do narrador e do narratário no enunciado. Esse recurso produz, no texto, um efeito de sentido de maior verdade daquilo que se narra, pois há a intenção comunicativa de simular o tempo da enunciação e o tempo do acontecimento. Isso ocorre porque o perfeito 2 expressa acontecimentos distantes do ME, evidenciando um efeito de afastamento do narrador no enunciado. Trata-se do presente histórico, empregado, principalmente nas obras históricas, nos relatos autobiográficos, nos títulos e relatos jornalísticos.

Escola de Harlem compete com traficante de Nova York.

Negro, dois metros de altura, usando roupas com estampas africanas, Joseph Stewart abre a janela do terceiro andar do prédio número 242 da rua 114, no Harlem, uma das zonas mais violentas de Nova York.

Ele deixa entrar o vento frio da tarde de terça-feira, se debruça sobre o parapeito e aponta os locais da rua onde se vendem drogas. “É uma concorrência desleal” diz.” (Folha de S. Paulo, Domingo, 14/04/96)

O relato apresenta-nos todos os verbos no presente, porém os acontecimentos são todos passados (terça-feira). Trata-se do presente histórico que produz, no texto, um valor de verdade e de realidade do fato que se narra. Nesse caso, traz-se o passado para o presente da enunciação, indicando uma proximidade do narrador no enunciado.

O presente pode ser empregado em lugar do perfeito 1. Isso é bastante frequente em manchetes de jornal, como podemos verificar abaixo:

Folha reencontra 17 meninos de rua depois de quase seis anos,

em que se constata o emprego do presente em substituição ao perfeito 1. Na verdade, a Folha já reencontrou os meninos, como se verifica no início do texto:

Folha localizou 17 meninos fotografados em 1990 na praça da Sé (centro) cinco anos e sete meses depois.

O emprego do presente pelo perfeito 1 produz um efeito de sentido que pode ser considerado uma apelação ao sujeito interlocutor com o objetivo de fazer com que ele se interesse por aquilo que o locutor vai relatar. Dessa forma, o locutor aproxima-se do enunciado e convida o leitor a aproximar-se também.

É comum um relato começar pelo tempo presente, o que se assemelha muito à moral expressa nas fábulas. Como exemplo, citamos:

Galo de briga com vista vazada morre de banda cega. Todas as desgraças passam a chegar-lhe do lado escuro, o adversário, mal percebe a fraqueza do outro, descruza e cruza de novo o pescoço, e batoqueia e esporeia sem dó nem piedade, na nova e vantajosa posição. O mesmo aconteceu com o boi curraleiro, neste caso verdadeiro passado em noite de lua, na fazenda do Boi Solto.

(Vila dos Confins, Mário Palmério)

Nesse fragmento de texto, percebemos que o narrador emprega verbos no presente **morre**, **percebe**, **cruza**, **descruza**, **batoqueia**, **esporeia** para introduzir uma narração. Esse relato no presente desempenha o papel de uma epígrafe para os fatos que serão, em seguida, narrados no passado.

Para o estudo dos tempos verbais, não basta saber o seu valor virtual, no caso do presente, a concomitância do ME, MR e MA, mas é importante reconhecer o valor que essa forma de presente pode imprimir ao texto.

Assim, é fundamental o estudo dos dois mecanismos de projeção da enunciação no enunciado: a debreagem e a embreagem.

Quando se projeta no enunciado o valor virtual de concomitância entre o ME, MR e MA, evidenciamos a debreagem. Existe, entretanto, a possibilidade de emprego de uma forma linguística de presente, porém, com outros valores que não o de concomitância entre o MR e MA. Nesse caso, o mecanismo empregado pelo produtor do texto é a embreagem que, como observamos, pode ocorrer nos seguintes casos²:

- 1) presente (concomitância) pelo futuro do presente (posterioridade), para indicar um futuro iminente;
- 2) presente (concomitância) pelo futuro do presente (posterioridade), para indicar a certeza de realização do acontecimento;
- 3) presente (modo indicativo) pelo modo imperativo, com vista a atenuar uma ordem;
- 4) presente (concomitância) pelo perfeito 1 (anterioridade), para simular a coincidência entre a narração e o narrado;
- 5) presente (concomitância) pelo perfeito 2 e pelo imperfeito (concomitância no pretérito), para criar o efeito de sentido de aproximação do narrador no enunciado;
- 6) presente (concomitância) pelo futuro do subjuntivo (concomitância no futuro), para indicar uma posterioridade real do acontecimento

² Fiorin (1994:224-272) faz um levantamento de várias possibilidades de neutralização, mas, como esse não é nosso propósito, não o repetiremos aqui.

O perfeito 1

O perfeito 1³ indica um acontecimento anterior ao momento de referência presente.

Ontem eu chorei, hoje sorrio.

O MR é presente, portanto, concomitante ao ME. O acontecimento **sorrio** é coincidente ao ME e ao MR, porém o acontecimento **chorei** é anterior ao MR presente.

O perfeito 1 expressa um passado que acaba de se realizar, já faz parte do passado, mas guarda ainda uma presença física ou psicológica no ME do sujeito.

Em francês, este tipo de anterioridade é expresso pelo “*passé récent*” e, em português, pelo perfeito 1. Desta forma, o processo é ordenado a partir do MR presente e indica-nos um fato que lhe é anterior. Neste caso, ocorre uma não-concomitância entre o MR e MA (momento do acontecimento), porém, uma concomitância entre ME e MR, como podemos constatar no texto abaixo.

O AÇÚCAR

*O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.*

*Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.
Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira,
dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.*

*Este açúcar era a cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.*

*Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.*

*Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar*

³ Fiorin (1994:172) distingue dois tipos de perfeito: Perfeito 1 e Perfeito 2. O perfeito 1 indica uma anterioridade do acontecimento em relação ao MR presente, enquanto o perfeito 2 expressa uma concomitância do acontecimento a partir de um MR pretérito. Esses dois tipos de perfeito não são previstos por Corôa (1985).

*branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.*
(O açúcar, Ferreira Gullar)

Nesse texto, observa-se um MR presente, **agora**, que caracteriza, assim, o presente da enunciação. Em relação a este MR presente, há manifestadas uma posterioridade e uma anterioridade dos acontecimentos.

Em relação ao MR presente, constatamos, na primeira estrofe, uma posterioridade do acontecimento **adoçará** como também uma anterioridade **foi produzido** e **surgiu**. Trata-se do emprego do perfeito I que, embora indique um acontecimento acabado, afeta diretamente o falante no presente da enunciação.

O texto todo apresenta o emprego do presente, opondo-se ao passado: **vejo-o, dissolve, há, sabem X não foi feito, veio, fez, plantaram, colheram, produziram**. É, portanto, este recuo para o passado, trazendo-o próximo ao ME, que cria sentidos no tempo, pois o narrador refaz o percurso do açúcar, desde a cana, até chegar ao homem. É esse passado recente na sua lembrança que lhe permite, num tempo presente, questionar a condição de vida do trabalhador braçal, daquele que executa, no passado, o trabalho nas usinas. Trata-se de um acontecimento passado, anterior ao MR presente, mas que exerce, no narrador, uma presença física, pois podemos entender essa anterioridade como um argumento para a sua reflexão sobre as condições e o anonimato daqueles que contribuem para nossa comodidade.

O perfeito I expressa-nos acontecimentos conclusos, porém, justamente por indicarem uma anterioridade ao MR presente e, sendo este concomitante ao ME, imprimem no sujeito marcas físicas e psicológicas. Trata-se de acontecimentos passados, mas próximos ao presente da enunciação. Tal proximidade pode explicitar-se num “ontem” ou simplesmente contrapor-se a um verbo no tempo presente. Nesse caso, o que importa é que o passado é empregado como recurso para o discurso presente do locutor, constituindo-se, muitas vezes, num jogo de anterioridade e concomitância do MA com relação ao MR presente. Normalmente, a anterioridade expressa no perfeito I remete-nos a uma causa do acontecimento presente ou, simplesmente, é usada para corroborar o MA presente.

POESIA

*Gastei uma hora pensando um verso
que a pena não quer escrever.
No entanto ele está cá dentro
inquieta, vivo.
Ele está cá dentro
e não quer sair.
Mas a poesia deste momento
inunda minha vida inteira.*
(Poesia, Drummond)

No texto acima, o MR presente é concomitante ao ME como bem o demonstram os verbos empregados no tempo presente **quer, está e inunda**. Com relação a esse MR, há uma anterioridade, expressa pelo perfeito I, **gastei**. O narrador, no presente, expressa suas reflexões sobre a dificuldade de materialização do pensamento por meio das palavras ao mesmo tempo que revela a poesia existente nesse momento de criação. Não é o passado conduzido ao ME, mas o presente que recobre o passado, o próprio presente, e se lança para o futuro na expectativa da vida inteira. Nesse sentido, a poesia é atemporal, maior que as próprias palavras e o tempo. O termo **inunda**, no presente, recobre o passado em que ele **gastou** o tempo e a própria ação de **sair** e se projeta para o futuro da “vida inteira”. Dizer a poesia (escrevê-la) depende de partes (tempo) e palavras. Isso é menor que o próprio tempo da poesia.

Um narrador em terceira pessoa pode apresentar acontecimentos anteriores ao MR presente, como podemos observar no texto abaixo:

DE FRENTE PRO CRIME

Em vez de reza uma praga de alguém

E um silêncio servindo de amém

Tá lá o corpo estendido no chão

Em vez de rosto uma foto de um gol

O bar mais perto depressa lotou,

Malandro junto com trabalhador,

Um homem subiu na mesa do bar

E fez discurso para vereador

Veio camelô vender anel, cordão,

perfume barato

E baiana pra fazer pastel e um bom

churrasco de gato...

Quatro horas da manhã baixou o

Santo na porta-bandeira,

A moçada resolveu parar e então...

Sem pressa foi cada um pro seu lado

Pensando numa mulher ou num time..

Olhei no chão e fechei

Minha janela de frente pro crime.

(De frente pro crime, João Bosco e Aldir Blanc)

No texto em questão, observamos um narrador, relatando sua indignação a respeito do procedimento das pessoas diante de um determinado fato. Não participa dos acontecimentos, mas a partir do que vê, como testemunha, exterioriza seu ponto de vista sobre o descaso com que é tratado o ser humano.

O MR é presente, o tempo verbal empregado é o presente **tá**, forma coloquial de **está**, evidenciando, portanto, uma concomitância do ME, MR e MA.

A partir do quinto verso, há uma série de acontecimentos, todos anteriores ao MR **agora**, caracterizando o emprego do perfeito 1. Esses acontecimentos compõem o relato de um mundo que se constrói, gradativamente, a partir do MR presente. As ações são anteriores, porque se referem aos atos de outros personagens e não aos do narrador, cuja função é apresentá-los como ocorreram anteriormente ao presente instante da enunciação.

O narrador, ao instaurar o marco temporal **quatro horas da manhã**, entendido como concomitante ao MR **agora**, permite a percepção da duração dos acontecimentos por ele relatados, em outras palavras, a imagem da construção do mundo, concomitante ao presente da enunciação. Entretanto, no final do texto, ele projeta no enunciado a primeira pessoa e emprega o perfeito 1 pelo presente, caracterizando uma embreagem dentro do mesmo sistema. Assim, **olhei** e **fechei** revelam uma concomitância do acontecimento em relação ao MR presente, mas o aspecto conclusivo, descontínuo do perfeito 1 funciona como o fim do relato, apresentando como acabado algo que ainda está em curso.

É interessante observar que todos os acontecimentos anteriores ao MR presente e que compõem, como dissemos, um mundo que se constrói, corroboram o estado contínuo do MA **tá lá o corpo**, cujo efeito de sentido é o de indicar a falta de solidariedade, de banalização da violência não só dos personagens integrantes do relato, mas também do próprio narrador, quando emprega a primeira pessoa.

O que se pode concluir, portanto, é que o perfeito 1 tem o valor virtual de indicar uma anterioridade do acontecimento em relação ao MR presente. Nesse sentido, o acontecimento por ele expresso, embora passado, imprime no sujeito da enunciação marcas físicas de sua presença. Normalmente, o efeito de sentido é o de indicar a causa do acontecimento presente ou ainda o de constituir-se como um recurso argumentativo para as reflexões efetuadas no presente.

O futuro do presente

O futuro do presente assinala, em relação ao MR presente, uma posterioridade, como podemos observar no exemplo abaixo:

Amanhã, faremos todos os exames necessários .

O MR é presente, concomitante ao ME, que está implícito (eu afirmo agora que). O MA **faremos** é posterior, caracterizando, então, o Futuro do Presente, que expressa, por parte do falante, a intenção de tornar realidade um fato, já que a verdade desse acontecimento não pode ser prevista na sua enunciação. Vejamos o seguinte exemplo:

O ex-presidente Itamar Franco, embaixador do Brasil em Portugal, deverá se encontrar hoje com o presidente Fernando Henrique Cardoso, no Rio. (Folha, 12 /04 /96)

O narrador coloca-se num **hoje, aqui, agora**, porém dá-nos como algo bem geral o acontecimento futuro **deverá se encontrar**. Trata-se de uma probabilidade como nos indica o emprego do modal **dever**, porém, a verdade desse acontecimento não está assegurada no presente da enunciação.

Quando o falante deseja expressar uma posterioridade dotada de maior certeza, emprega o verbo **ir no presente + infinitivo do verbo principal**, fato bastante comum no português falado e até escrito. Trata-se do emprego do presente pelo futuro do presente, portanto, embreagem.

Vamos levar vocês para a Polícia Civil de Marabá, cambada de vagabundos. (Folha de S. Paulo, 26/08/96)

Em **vamos levar**, observamos um narrador no presente da enunciação, revelando-nos um acontecimento futuro, cujo efeito de sentido, comparado a **levaremos**, sem dúvida, é o de maior certeza de realização do processo.

Diferentemente, quando não se quer assegurar a certeza de realização do acontecimento posterior, emprega-se o futuro do presente. Como exemplo, citamos as indicações meteorológicas publicadas nos jornais, em que não se observa o presente de **ir + participio passado**. Esse fato é perfeitamente explicável, já que sobre fenômenos meteorológicos, embora contemos com alta tecnologia, só podemos expressar a certeza no âmbito da possibilidade, isto é, uma certeza de modo vago.

Hoje uma frente fria causará chuvas no Sul. No Sudeste, o céu claro, com poucas nuvens, à exceção do ES, parcialmente nublado. O litoral da BA terá chuvas. No Centro-Oeste, o céu estará claro. (Folha de S. Paulo, 26/08/96)

Hoje ocorrerão chuvas em MS, sul de GO e em praticamente todo o Sudeste, as mais significativas no RJ. Na região Sul o dia será parcialmente nublado no leste. (Folha de S. Paulo, 05/09/96)

Diferentemente, no enunciado abaixo:

*Apesar de você amanhã há de ser outro dia
Você vai se dar mal etc e tal.*

(Apesar de você, Chico Buarque)

os acontecimentos : **ser outro dia, se dar mal**, são posteriores ao MR presente, porém ao utilizar-se das perífrases **há de ser, vai se dar**, o narrador dá ao narratário a certeza da realização desse acontecimento. Na verdade, há uma projeção futura, mas o fato, ainda que de modo sutil, nos é transmitido como realidade. Desta forma, podemos dizer que esse tipo de posterioridade tem caráter mais específico, quanto à sua realização, diferindo, portanto, do emprego do verbo no futuro do presente que se apresenta com um caráter mais vago, mais geral.

O futuro do presente pode acomodar-se a uma certeza absoluta, quando a ideia de posterioridade afeta uma verdade convencional, como se verifica em:

Dois e dois serão sempre quatro, não adianta discutir com ele.

O futuro do presente exprime uma ideia de hipótese, uma probabilidade, uma possibilidade de realização ou não do acontecimento, já que a sua concretização efetiva não é assegurada no ME,

o que nos leva a considerá-lo como algo imaginado, embora possa ser constatado um valor de realidade e verdade, como podemos verificar no fragmento abaixo.

*Viverás, e para sempre,
na terra que aqui aforas
e terás enfim tua roça'
– Aí ficarás para sempre,
livre do sol e da chuva,
criando tuas saúvas
– Agora trabalharás
só para ti, não a meias.*
(Morte e Vida Severina, João Cabral de Melo Neto)

Nesse fragmento, há um narrador num **aqui** e num **agora** que se projeta no futuro, imagina o acontecimento e nos dá como real. Trata-se, na verdade, de uma probabilidade real de o acontecimento ocorrer, porém, a sua concretização só se dará, se certas condições forem preenchidas. No caso do texto em questão, a condição necessária é o indivíduo morrer, para poder ter o seu pedaço de terra, o que já ocorreu, como podemos observar na estrofe que antecede os versos analisados.

*Esta cova em que estás
Com os palmos medidos.
É uma cova grande
para tua carne pouca
mas a terra dada
não se abre a boca.*

Preenchida esta condição, o narrador dá-nos como uma verdade os acontecimentos: **viverás, terás, ficarás** que caracterizam uma posterioridade do acontecimento em relação ao MR presente. Trata-se de uma posterioridade de valor imperativo.

Chama-nos atenção a força expressiva do elemento linguístico **enfim** que nos remete à luta efetuada anteriormente para a consecução de um pedaço de terra, ao mesmo tempo em que nos revela que a morte é o único meio de o homem adquirir o seu pedaço de chão. Na verdade, **enfim** constitui-se na base de ironia, pois o fato de **estar na terra**, mas morto, é o mesmo que afirmar que a luta foi em vão.

Em **agora trabalharás só para ti**, há o futuro, empregado com valor de imperativo e o emprego do **agora** que não é o presente da enunciação, mas o momento presente no futuro, o que nos remete a uma certeza do narrador quanto à verdade que afirma: morrer, ter um pedaço de terra, viver, trabalhar. É a presença do **agora** transposto no futuro que nos permite ver o acontecimento não mais como imaginado, mas real, já que as condições necessárias já foram preenchida

DIVAGAÇÃO SOBRE AS ILHAS
*Minha ilha (e só de a imaginar já me considero seu habitante) ficará no
justo ponto de latitude e longitude que, pondo-me a coberto de ventos,
sereias e pestes, nem me afaste demasiado dos homens nem me obrigue a
praticá-los diuturnamente. Porque esta é a ciência e, direi, a arte do bem
viver; uma fuga relativa, e não muito estouvada confraternização.*
(Divagação sobre as ilhas, Drummond)

Nesse fragmento, o narrador emprega verbos do sistema enunciativo, tempo presente **considero**, é que são ordenados a partir do MR presente, concomitante ao ME. Porém, ele se projeta para o futuro, apresentando-nos acontecimentos posteriores ao MR presente, como bem o demonstram os verbos **ficará, será**. Trata-se de acontecimentos não realizados ainda, mas dados

como certos pelo locutor. A certeza de concretização desses acontecimentos encontra-se explícita nos julgamentos, comentários introduzidos pelo narrador, como, por exemplo,

e só de a imaginar já me considero seu habitante.

O futuro do presente indica, portanto, um MA posterior ao MR presente. Trata-se de um acontecimento que se imagina e, por isso, pode-se dizer que não está assegurada no ME a certeza de sua concretização. Nesse sentido, é comum o emprego do presente pelo futuro, conforme já abordamos anteriormente.

Duas situações expressam uma certeza de realização do acontecimento posterior: quando se observa uma verdade inquestionável ou, ainda, quando o narrador emprega o futuro, mas assegura a verdade do acontecimento por meio de um presente, conforme exposto acima.

Considerações Finais

O estudo acima evidencia que o estudo da temporalidade linguística não se restringe ao conhecimento gramatical sobre os tempos verbais, mas há que se considerar a ordenação dos tempos e os sistemas: enunciativo e enuncivo. Além disso, procuramos na discussão mostrar dois mecanismos básicos de emprego de tempos verbais: a debreagem e a embreagem, sendo esta caracterizada pelo uso de um tempo verbal por outro, produzindo efeitos de sentido diversos no texto.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo Hucitec, 1979.
- BENVENISTE, Emile. **Problemas de Linguística Geral**. São Paulo: CIA Editora Nacional, 1976.
- CHARAUDEAU, Patrick **Grammaire du sens et de l'expression**. Paris: Hachette éducation, 1992.
- CORÔA, Maria Luiza M. S. **O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica**. Brasília: Thesaurus, 1985
- FIORIN, Jose Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 1994.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica Estrutural**. São Paulo: Cultrix, 1973.